

A análise da história da cidade pela ótica das relações com os corpos d'água – córregos, rios, lagos, mares – revela aspectos fundamentais à compreensão das lógicas urbanas e das forças contraditórias atuantes no tempo. Identificam-se duas vertentes básicas nas relações entre cidades e corpos d'água. Na primeira, estes são valorizados e incorporados à paisagem urbana. Na segunda vertente, corpos d'água são desconsiderados, edificações e lotes lindeiros ficam de costas para eles. A partir da década de 1960, um intenso movimento de qualificação dos frontais aquáticos passou a ocupar as agendas urbanas em cidades de todo o mundo. A grande maioria das intervenções expressa a vertente de valorização dos corpos d'água, promovendo a *urbanidade*, ou seja, o convívio social e a relação amigável da população com o corpo d'água. Ocorre que, via de regra, os projetos fundamentam-se na adoção de técnicas e materiais artificiais, dificultando ou impedindo o desenvolvimento das dinâmicas naturais. O enfoque central deste trabalho direciona-se para o espaço físico, numa perspectiva relacional entre sua configuração e interferências sobre as dinâmicas ambientais e urbanas. Se, por um lado, valores socioculturais são condicionantes do tipo de configuração espacial, por outro, os atributos da configuração espacial podem influir na construção de valores socioculturais, que caracterizam a urbanidade. Trata-se de um olhar que abarca também as relações entre a configuração espacial e a proteção dos recursos ambientais.